

Emoção Atlântica

MÁRCIO CATUNDA

Emoção Atlântica

NOTURNOS
EMOÇÃO ATLÂNTICA
RETRATOS
TARDES HEDONISTAS
ANTÍDOTOS
EXORTAÇÃO
DE LARANJEIRAS AO LARGO DO MACHADO
PERSPECTIVA DA LAGOA RODRIGO DE FREITAS
DIÁLOGO COM ELAINE PAUVOLID
O RIO DIONISÍACO
TANUSSI CARDOSO, REI DE COPACABANA
DIA DE SÃO JORGE
ENCONTRO COM RICARDO ALFAYA
AFINIDADE DEFINITIVA COM MARCO LUCCHESI
CONJECTURAS SOBRE O MAR DE IPANEMA
CONVITE À CONTEMPLAÇÃO DO MAR DE COPACABANA
MADRUGADA DE MARÇO
A GÁVEA DO POETA
25 DE ABRIL COM POETAS
OS RECITAIS
PASSEIO NA BARRA DA TIJUCA COM
GILBERTO MENDONÇA TELES
SARAU NA CASA DE ANDRÉ SEFFRIN
O LAVRADIO DE REYNALDO
VALINHO ALVAREZ
MOMENTO ILUMINADO
PAISAGEM VISTA DA BARCA RIO-NITERÓI
A GÊNESE
PERFIL ECOLÓGICO DE RENATO REZENDE
URBANIZAÇÃO
CONFISSÃO
O MIRANTE DAS PAINEIRAS

A IGREJA DA PENHA
JARDIM BOTÂNICO
VENERAÇÕES AO LITORAL
ODE À PRAÇA XV
PRAIA VERMELHA
PERFIL DA CIDADE
COSME VELHO
INSTANTE NA URCA
NÉVOA NO PÃO DE AÇÚCAR
CAMINHANDO EM IPANEMA
SANTA TERESA
MÚSICA NA CINELÂNDIA
VISTA DO CORCOVADO
NOITE NO LEBLON
COPACABANA
MANHÃ NO ARPOADOR
VITRINE
A CONSCIÊNCIA DO REDEMOINHO
MAR DE COPACABANA
EXOTISMO
A CIDADE VISTA DE DENTRO DO CARRO
A LIVRARIA
ICARAÍ À NOITE
LEMBRANÇA DE UMA VISITA A ASSIS BRASIL
O DISCURSO DE PRIAPO
CLARIVIDÊNCIAS NO ARPOADOR
PASSEIO ECOLÓGICO AO MORRO DO LEME
RIO ECOLÓGICO
CRÔNICA ORTODOXA
ITINERÁRIO NÔMADE
DIVERTIMENTO NO RIO
NOTURNO DO RIO DE JANEIRO
INSTANTE NA RUA DAS LARANJEIRAS
RECREIO DOS BANDEIRANTES
PERFIL LÍRICO DE AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA

VIAGEM TRANSOCEÂNICA COM HOMERO HOMEM (NO
ZIMBÓRIO DO LEBLON)

SOLICITAÇÃO AOS AMIGOS

CAPITAL DOS PRAZERES VISUAIS

DUAS CANÇÕES:

1.O RIO DA BARRA MANSA

2. GRUMARI

A TERCEIRA MARGEM DO RIO – Jarbas Júnior

EM BUSCA DA PLENITUDE – Anderson Braga Horta

NOTURNOS

Copacabana, andar nas tuas noites
só tem sentido em nome daquela boemia.
Não são os carros da avenida,
nem os anúncios luminosos dos restaurantes,
nem mesmo as belas mulheres.
É o meu ideal de adoração da Lua!
Que permaneça esse espelho na minha autoveneração.
Essa areia branca seja o meu refúgio contemplativo.
Alegro-me de ver as ondas desenhadas na calçada
e o murmúrio dos coqueiros ao vento.
Copacabana dos bares e do calçadão,
flutuo em passos de êxtase,
quando reverencio a cidade dos poetas!
Mais que prostitutas bonitas, tens a brisa marinha.
Ainda te restam momentos românticos.

Na avenida, o prosaico zigue-zague dos carros.
As abstrações me livram da estagnação.
Desfrutar o instante é um valor permanente.
É fluir absorto, sem perceber o peso da vida.
Minha única habilidade.
Toda idiossincrasia que quero tornar predominante.
Minha estética anticonsumista.
Reflexões de que se nutre o poema.
A velocidade da palavra em suas três dimensões.
Minha introspecção incomunicável.
Minha meditação oriental.
Estou perplexo diante de tudo.
Atravesso túneis ideais.
Não há serenidade senão na visão do litoral.
Nasci pra contemplar horizontes abertos.
A noite me fez pensativo.
Os edifícios são paredes perfuradas de luz.

Passeio com os amigos, em demanda de livros,
pelas ruas iluminadas.
Deleito-me nos refrigerios.
Ilumino-me de utopias.

Doces são as horas, porque não concorro a nenhum cargo.
Não me preocupo com insignificâncias.
O Altíssimo encheu-me a taça de néctar.
Bebo alentos na noite lânguida.
Subo à torre iluminada, e escrevo.
A burguesia me olha sem entender.
Não ambiciono a comenda dos opulentos.
Tenho o lúdico passeio
e o plenilúnio me é propício.
Descanso na expectativa serena.
Não preciso do beneplácito de autoridade alguma.
Tenho o meu quinhão de paz.
Meu momento de ígnea transcendência.
Não me deixo hipnotizar,
senão pelos faróis intermitentes no oceano.
Permaneço contemplando a extensão das luzes litorâneas.
Sublimo as melodias desesperadas.
O festim noturno é a minha fortuna.

Bebo a clarividência do litoral.
Chego ao portal da reflexão.
Mar diáfano, ilhas claras.
O espelho mítico da planície azul.
Púrpura na teia celestial.
Celebro as luzes vitais do Planeta.
Ao longe, entre os montes,
Niterói é uma pirâmide cintilante.
Na enseada de Ipanema,
um colar de luzes se reflete nas espumas.
A noite veste o escudo das estrelas.

Além da curva do Leblon,
na encosta, o Vidigal radiante.
Os eflúvios em mim como estigmas.
Respiro a dádiva lúdica do vento.

Saibam todos que o meu remédio ferve nas ondas.
São pedras de sal no mar,
flores na areia.
Nuances de cores, vazando a névoa.
Quando vejo a claridade,
cruzando o Elevado do Joá...
Quando vou a uma livraria, num domingo,
com o sonho místico do meu realismo.
Quando jorra o indomável clamor das águas....
Caminho enfeitiçado pela noite.
Tudo flutua na esteira mágica.
O vento limpa o varal da incerteza.
Atravesso todas as estações de Ipanema.

EMOÇÃO ATLÂNTICA

Não sou de ver a vida pela janela.
O ocaso tem suavizações.
Fujo dos veículos,
atravesso a avenida, em direção ao mar.
Serenas ondas, idílicas montanhas.
Há navios no horizonte,
mas é na minha memória que eles estão plantados.
Celebro a virtude mística deste momento.
Sou o que persiste em se encantar diante do poente.
Contemplo o céu no redemoinho das aves.
A cidade é ainda paradisíaca.
De um lado estão as fachadas prosaicas dos edifícios;
mas, do outro, a luminosidade líquida,
o eflúvio irisado, o esmalte efervescente.
Caminho pela areia.

Tragam-me guaraná e catuaba,
num copo transbordante de mel.
O sábado é o bordel da santa egípcia.
Quero-me vigiar sem me punir.
Bater à porta do hedonismo.
Confesso que a beleza me alucina.
O silêncio dela é mais agudo que a música das esferas.
Quero a condição dionisíaca,
a estridência dos dias solares,
a vida pulsátil do burburinho.
O Rio de Janeiro continua um espasmo de êxtase.
Almejo saborear o néctar da luz.

Aonde vou, com minha ânsia de futuro?
Vou ao Pão de Açúcar, beber nas altas esferas.
Submeto-me às sacudidas do ônibus
e à exorbitância do ingresso.

Na redoma flutuante, a grandeza translúcida emerge.
A visão se abisma na infinitude.
Da cratera íngreme, o encanto é transcendental.
A eternidade é uma expansão azul além das ilhas.

Gosto de escrever ao ar livre,
diante das árvores.
Nos jardins, entre pássaros e belas mulheres.
Em lugares de onde eu veja a imensidão.
De preferência, próximo a algum palácio
iluminado pelo sol vespertino.
Sem desassossego, olhando as nuances das cores
e a projeção das sombras.
Mais que prazeroso,
é terapêutico esse exercício de quietude.
Lá fora, ruge o tumulto dos motores.
Em mim, tudo é silêncio.
Faço versos como quem distribui delicadeza.
Feito a aragem que é toda ternura.
Feito quem bebe aromas de delícias.

Gosto de escrever caminhando,
louvando as energias do Planeta.
Sento-me numa pedra, à beira das ondas,
e compreendo a essência do universo.
Minha lucidez registra a fascinação da hora.
Sei que o meu destino é água que o vento agita.
Sei do que se aprende com as metáforas do mar:
a noção de distância
e a inquietude do movimento.
Movimento de introspecção; não, de dispersão.
De amor pela vida; portanto, pelas pessoas.
Será este o enigma que descobriremos.
Contemplar e criar formas.
Ter como facho interior a concentração da arte.

Cantar a maravilha do litoral e a fluidez do tempo.
Não revivo os idílios da infância,
mas na visão marinha prevalece um devaneio antigo.
O sopro da tarde me transporta àquela paz romântica.
Luz que vem da comunhão com a natureza.

Não troco um passeio na praia
por três anos de cargo público.
É de graça. É quando eu quero,
ninguém me enche o saco.
Que importância tem vestir um terno,
quando se pode andar sem camisa?
Capto toda forma de energia lúdica.
Debaixo do Trópico de Capricórnio,
a coisa mais excelente é celebrar a vida.
Seja-me o tempo essa quietude rumorosa.
Não há riqueza senão nesse transbordamento.
Nos momentos sublimes, o frêmito dos melhores dias.
Já não perco o apetite por causa da emoção.
Tenho o perfume das rosas na alma:
entrego-me à beleza.
Com pétalas nas mãos,
passeio o pensamento pelas serras,
ao redor da Lagoa.
Não quero voltar a página da vida.
Só quero saber das nuvens sobre o luminoso oceano.
Converso comigo mesmo
na brisa que é pura carícia.
Não haverá instante
em que eu não esteja pleno de lirismo.
Idolatro o silêncio e deixo que passem os minutos.
Ando escutando as ondas.
Praia mansa no meu sortilégio.

A vida é o berro do espírito na ventania.

É remar no pântano, rumo ao porto do nada.
Celebro as virtudes carnavais,
os aromas que emanam da pele que brilha,
a energia vital das coisas permeáveis.

Estou aos pés do mar,
diante do cortejo das espumas.
Tudo se refaz nas suaves caldeiras tremulantes.

O mar é um deus na cidade encantada.
Contemplo esse colosso etéreo.
Para além dos anjos que passam fome,
para além de todos os infortúnios,
o poderio dos lampejos:
todos os dons do meu entusiasmo,
a tecnologia do sentimento.

A brisa da tarde desliza nos telhados
e nos dedos das árvores.
Vem na fragrância do instante.
Penetra pela janela, nutrindo a vida, entre máquinas.
A rua contrasta com a Lua,
que, alta, me impõe a sua influência.
À margem dos tetos obscuros,
sobre o viaduto, os carros vão,
no vão da inquietude.
O Sol é uma coroa de fogo,
horizontalmente, na hora da suavização.
Os longes consolam a audição dissoluta.
Preciso asilar-me na plataforma visual.
Há mais prazer neste refúgio,
do que nas discussões teológicas.
O pulsar de um coração vigilante
vale trezentos prêmios literários.
Na contemplação das musas, estou só e absoluto.

De um trago, sorvo a beleza de tudo.

RETRATOS

1. Os espectros pululam na crosta de concreto.
Aparece o que dorme na calçada.
O maltrapilho da perna gangrenada.
O menino, cara de homem, que o segurança afugenta.
A que se senta com a criança à porta do Banco do Brasil.
O de rosto cheio de cicatrizes, dizendo que tem fome.
O que dorme em diagonal, com a cabeça na parede,
em frente ao Cine Roxy.
O de cara inchada, deitado na parada do ônibus.
Um, todo sujo, estendendo o braço sem mão.
Outro, bêbado, na porta do boteco,
berrando feito um camelo.
Todos inconscientes
do próprio mórbido gesto de ruptura.
Como se reconciliarão com o mundo?

2. Os pobres cobiçam os pratos dos comensais.
A garçonete os afugenta.
A mulher negra, descalça,
grávida e com a barriga à mostra,
corre pela rua.
O homem, também negro,
lhe bate nas costas com um jornal.
Do outro lado da avenida,
duas mulheres brancas levam seus cachorros,
vestidos com fantasias.
Os vigias dos prédios espiam, por trás das grades.

3. Às quatro da madrugada,
o táxi para, surge o garoto.
“Pelo amor de Deus...”
Pago a conta.
O infeliz insiste, à janela do carro:

“Tô com fome...”

Corro à entrada do prédio,
onde o porteiro, mordido de sonolência,
tarda, mas, ao fim, abre a porta.

4. O menino dorme, pernas abertas,
mais caído que deitado.
Na boca entreaberta, entre os dentes sujos,
um grão de amendoim.
Está menos dormido que desmaiado.
As costelas expostas sob a pele encardida.
Não é Morfeu, mas Tântatos, quem vela por esse êxtase.
Os transeuntes passam,
pisando o chão das contingências.
Os ruídos gerais apagam a cena.

5. O sujeito esquelético, pálido, barba rala,
babando caninamente, pede moeda.
Dou-lhe um real.
Passa entre nós um moreninho altaneiro;
o rapaz decrepito se anima a solicitar-lhe
o óbolo que crê merecer.
O solicitado responde, seco:
dou-te uma porrada, se tu vier com conversa.

6. Noite de sábado,
as multidões se agitam.
Uma enorme ratazana corre, estonteada,
em frente à lanchonete da rua Miguel Lemos.
Preparo o chute.
O bicho deriva pela avenida
e, ao voltar, fugindo dos carros, assusta uma moça.
O pontapé certeiro de um mulato o nocauteia.
Outro expectante o atinge com um tiro de sapato;
grita: “Tão com medo de rato?”

No morro é só o que tem!”

Antes que o pneu de um carro esmague o roedor,
um gol na TV rouba todas as atenções.

TARDES HEDONISTAS

Tomo de um trago a efusão visual.
Dois dias de chuva e o azul reverberou.
Abriu-se geomântico, desvendando o prodigioso colosso.
Diamantina fornalha, o azul insondável!
Não me falem dos flagelos da cidade.
Só tenho ouvidos para essa degustação.
Celebro sofregamente as soluções.
Nada me consterna fora da minha obsessão.
Não me falem de violência.
Eu sou a personificação da paz.
Bebo o vinho da vida,
adivinho-me e me divinizo.
Alto é o propósito
e, com reverência, me aproximo da água.
O oceano simboliza o meu ideal.
Natureza,
tu que fecundas a vida em toda parte,
dá-me a tua bênção.
Faze de mim um dos que receberam a auréola dos astros!

Na proa do dia, navego em amplitude.
Mais que a pedra do tempo, busco a fluidez.
Eu que vejo mistério em tudo.
Eu que me alumbro de esperança.
Eu que fico perplexo,
mirando o navio espacial,
não encontro arrimo em nada,
exceto nessa expansão volátil.
Eu que me comovo diante das coisas aéreas,
e que invento castelos inexistentes,
vejo no poente a alma da natureza.
Na púrpura dourada de hidrogênio,
como na sombra das areias,

escuto a flauta do vento e a percussão das águas.
Nunca vi o mar assim,
tão encantado de murmúrios de espuma!

ANTÍDOTOS

Venham a mim os artistas, os filósofos, os boêmios.
Preciso da companhia dos despreocupados,
dos que contam anedotas.
Dos loucos, que derivam em si mesmos.
Dos vagabundos da arte.
Os melhores monges são andarilhos.
Sou o confessor desses santos canastrões.
Bebo em suas fontes rústicas.
Sou o psicanalista desses malucos.
Conheço-lhes os traumas.
Busco a essência do Eu.
Eu, professor de moral e teologia,
escrevo com os olhos no portal do mar.
Eu, funcionário público exemplar,
jamais disperso minha concentração.
Eu, poeta dionisíaco,
dissoluto em plena luz do dia.
Escrever é minha forma de fazer música.
Minha teoria harmônica dos afetos da alma.
Escrever é compor o encontro de si
e respirar o encanto de si.
Se Narciso é um deus desesperado,
sou um narcisista esperançoso.
Vejo a cidade estremecida de luz.
Meu compasso na clave dos espaços.

Reverencio a aragem da noite.
A arte de contemplar é intransitiva.
A Lua, quase plena, soberana esfera de gelo,
faz desse momento o mais exuberante.
Diante dessa solenidade mística,
faço poemas com o corpo,
respirando a essência vital.

O nada que sou dá-me o prazer da vida.
Do grão de areia às estrelas,
vislumbro a sagração cósmica.

Três lugares me iluminam o espírito.
Tenho alegrias medonhas.
Tenho o Cruzeiro do Sul como lema.
A vida não se entranha na escória,
porque me deito aos pés do Redentor.

Enquanto espero a ressurreição da Lua,
as nuvens são o meu tesouro.
Quando a paisagem se descortina,
anulam-se as histórias profanas.
Escrever é salvar a memória.
Só o sonho é ouro no império do ar.

Um poeta é alguém com os sentidos em fogo.
Eu, que tenho apenas um sonho,
talvez não me deva arvorar tal privilégio.
As canções tristes já não me deleitam.
Só me resta cantar a noite inteira.
A propensão para a poesia
não contribui pra melhorar o juízo de ninguém.
Sou guerreiro de fortuna, por acaso,
mas desdenho insígnias,
tanto mais as de sangue de herói.

Poder dormir à hora que eu quiser.
Comer à hora que me der vontade.
Ler e ouvir música à hora que eu determinar.
Luzes acesas, o livro aberto, madrugada alta.
Isto sim é ser livre:
ter como itinerário os ditames da pineal.
E mais que isso, viajar na melodia da palavra lírica,

como quem foge dos dramas da vida,
escrevendo o próprio encantamento.
Isso sim é ser ativo na dimensão da lucidez.
Entre os prazeres da vida,
cantando, afugentar a morte.

EXORTAÇÃO

Rio, eivado das estéticas de Eros,
escuta a minha exortação!
Vê a libérrima voragem da minha utopia.
Deliro nas tuas noites voluptuosas.
Respiro a insônia dos teus barulhos,
registro teu suntuoso inventário.
Sou o que mira os teus desregramentos.
Sou o espelho atroz de teu desvario,
o que bebe espasmo nas tuas reentrâncias.
Eu, que tolero os ilustres biltres,
visto-me agora de coreografias.
Tenho os sentidos transidos.
Narciso ao revés,
afogo-me na claridade dos teus horizontes.

Os jornais estampam paranoias.
Falam de faca no pescoço e gangrena policial.
Apesar de todos os incêndios,
tenho ao meu dispor o peregrinar.
As ruas me atraem com tentáculos visuais.
A cidade abre o pátio dos altos bosques
e das majestosas pedras.

Caminhar pensando é discorrer com serenidade.
Os passarinhos me dizem que o barulho é fictício.
O tumulto é magistral na desordem do dia.
As moças vão e vêm pelo caminho da praia.
Em toda parte há o chamado da sensualidade.

Devaneio no ônibus,
observando as grandes pedras verdes.
Na convicção de viver o irrepetível,
outubro se desdobra na vertigem de Ipanema.
Praia de sublimidade explícita,
de embevecimento esotérico,

de languidez aérea.
Eis a ecologia da minha vanguarda.
O primeiro princípio é a beleza.
A noite me visita suavemente.
Ipanema é o cais da liberdade olímpica.
Quem não vê a aura luminosa do devoto da palavra?

Passear é confiar no movimento de tudo.
Num perfume, o infinito da perenidade.
Na imagem da doçura, o rosto de alguma mulher.
Nos meus olhos, o encanto da ébria noite,
a matemática da minha volúpia.
Como o mendigo cata no lixo algum resquício,
busco nos semblantes um gesto de irmandade.
Dizem que é dom de amor
cantar as dádivas da natureza.

Estou perplexo diante de mim mesmo.
Tamanha comoção a cidade me provoca.
Desta alta claraboia, espreito azulões.
Sairei pelas ruas com minha utopia.
Antes, porém, escreverei estas perorações.
Que objetivo tem a vida,
se dispensamos os momentos de êxtase?
A manhã de domingo começa com barulhos esparsos.
Se eu subisse na torre do Othon Palace,
acaso perpetuaria a plenitude?
Ó vida transeunte de passarelas estranhas!
Sairei com o veneno do cotidiano,
impregnado em meu ser.

DE LARANJEIRAS AO LARGO DO MACHADO

Os bairros têm a sua aura.
Vejo Laranjeiras senhorial,
nos terraços incrustados de eras.
Desço a ladeira, em meio a lufadas de monóxido de carbono.
O Rio se torna todos os Brasis.
A tarde foge feito ave de arribação.
Tarde de estertores ambulantes.
Gente que pulula em marcha e contramarcha.
Por fim, aparece a igreja,
com as colunas imponentes.
Mas o meu oratório fica entre as árvores,
perto do chafariz,
junto à estátua de Lorenzo Fernández,
que os pombos atrevidos maculam.
Meus ícones são as palmeiras,
os ônibus em movimento
e os automóveis sob a folhagem.

PERSPECTIVA DA LAGOA RODRIGO DE FREITAS

Diante do lustral espelho,
medito sobre o tempo.
Sou o depositário do remanso que se espraia,
do magnetismo da água,
da melancolia mansa do dia.
Caminho entre florações, no pulso da maré.
Observo as ondas acesas, o campo ígneo,
espelho escuro que as nuvens clareiam.
Cratera num manto de espesso musgo.
Uma gaivota voa, no sentido anti-horário.
Faz um círculo, desaparece.
Mais que ver, a ciência consiste em perscrutar
e respirar.
O nevoeiro flui.
Súbito, descortina-se o perfil da alta estátua.
Tenho os sentidos alagados em luz.

DIÁLOGO COM ELAINE PAUVOLID

Existe o amor sagrado que movimenta os astros.

Ele emerge do vazio, como o sentido da vida.

A arte é o veículo.

A imaginação, o real.

Pela inquietação criativa,

distraímos-nos de contar os dias.

A vigília das percepções releva a vastidão da sensibilidade.

Viver é aceitar o paradoxo.

É a busca obsessiva do mistério.

É a música interior no cotidiano aviltante.

Ana Cristina Cesar abriu as cortinas do céu?

Imergiu no avesso do espaço.

Podemos beber a explosão,

mergulhar na visão dos afogados?

Torquato dialogou com a lucidez,

quando disse “pra mim basta”.

É preciso rir do apocalipse de Copacabana.

O RIO DIONISÍACO

a Ricardo Alfaya

O Rio lúdico dos bares de Copa.
O Rio compatível com o meu romantismo.
Onde há cantores que falam de arco-íris.
Noite nas vitrines e lanchonetes.
O Rio onde sou poeta no meio do tumulto;
o barulho dos ônibus,
forjando o desregramento dos sentidos.
É ver belas mulheres e o que há de sensual em tudo.
É estar de férias e percorrer Ipanema:
a favela como um caleidoscópio,
o calçadão lavado de brisa.
É encantar-se com a vertente da noite:
as sombras dos coqueiros,
o tremular das palhas que o vento beija.
Caminhar dentro do ar translúcido,
praia de deleitáveis alvíssaras.
Cidade que o mar bendiz, apesar das aberrações.
Rua Ataulfo de Paiva:
nas manchetas, as notícias de causar dó.
O Rio, paroxismo do paradoxo.
No Leblon, de quietude monástica,
indigentes, que nem cadáveres, nos recantos sombrios.
Não quero mais ver gente com medo de gente.

TANUSSI CARDOSO, REI DE COPACABANA

Tanussi é um poeta iluminado.
Não há nisso nenhuma pretensão,
mas a condição de viver envolto em música.
Tanussi ri pro mundo e chora pra si,
atormentado pela própria lucidez.
Sabe que sorrir é uma forma de escrever a humanidade
e que gostar de gente não é perigoso.
Tanussi ouve o silêncio do mar.
Em Copa, sua jurisdição é o trono da ternura.
Carrega a bandeira do sonho.
A poesia, consagração da graça,
é o perfume do ar e o sabor da vida;
néctar da pele das auroras.
Degusta-a com prazer palatável.
Boca maldita, oráculo do êxtase e da dor,
espanta os galos de prontidão.
Doador de luz, para que encontremos a saída dos becos.
Tanussi é um grão de poeira
plasmado pelo sopro lexical.
Olhos postos nas fronteiras dos arcanos,
cidadão da república dos poetas.
Deus nos guarde, Tanussi.
A bem-aventurança é um lugar à luz do sentimento.

DIA DE SÃO JORGE

Exorcizei 500 demônios.
Tenho a alma como pluma.
Degluti iguarias na casa de Thereza Motta,
na companhia do Tanussi, rei de Copacabana;
da Elaine, a que dialoga com os anjos;
e do Ricardo, o que, com riso espontâneo,
domina as entidades espirituais.
Do alto, vislumbramos a cidade.
Além dos quintais de Santa Teresa,
vimos os portentos rutilantes.
Tive um dia de equilíbrio lúcido:
conversei com poetas.
Sou digno da inveja dos estadistas.
Não posso negar minha bem-aventurança.
Convivo com a estirpe mais evoluída do Planeta.
Venho da Rua Aprazível,
e tenho a Avenida Atlântica toda pra caminhar.

ENCONTRO COM RICARDO ALFAYA

Perdidos no labirinto da palavra,
nos encontramos,
talvez como outrora,
em algum pátio de Córdoba, entre balcões.
Hoje, entre balconistas e praças financeiras.
Antimercenários, mecenas de nós mesmos,
buscamos o velocino estético,
à revelia dos que compram almas ou armas.
Rápidos como a flecha de Aquiles,
mais velozes que as balas aleatórias,
zarpamos entre a miríade transeunte.
Chove fino no dia alvissareiro.
Chuva que espanta ladrão e pirata;
e, por antítese, evoca argonautas.
Sem intermitências na ilha de Circe,
entre sereias, velejamos em pós de café.
Na viagem intergaláctica dos neurônios,
como Dantes no paraíso,
louvamos a destreza de Anacreonte.
Sem de Descartes descartar a carta náutica,
ancoramos no Forte de Copa.
Erguendo o estandarte da dialética,
entoamos ditirambos, lira pacífica,
Marselhesa da utopia.
Ricardo Alfaya, poeta por necessidade existencial,
fala de música e imagens de êxtase.
Que melhor legado merecer da vida?
Se estão perdidas as ilusões,
resta a dança da sobrevivência.
A vida é curta e perigosa,
exceto quando nos deparamos com as essências.
Confirmo que o poeta é um santo maldito.
“Estigmatizado, de estados alterados...”

reitera o pária intocável,
o que não tem de si mais que a tradução da memória.
Que sabemos do grande absurdo?
Nada mais que a idade dos pinguins de geladeira.
Cogitamos sobre os teoremas da perfeição.
Sorvemos substância evocativa.
O enigma brilha no cristal da vida.
Tudo é espelho, e tão pouco vemos.
O resto é um exorcismo de nós e dos outros,
quando, por exemplo, ouvimos o Bolero de Ravel,
as antífonas acelerando o momento absoluto.

Rio de Janeiro, 30 de outubro de 2009.

AFINIDADE DEFINITIVA COM MARCO LUCCHESI

Depois de quatro décadas sem vê-lo,
Marco Lucchesi me dedica desvelo generoso,
e recordo que nos vimos desde sempre.
No túnel das percepções que se ampliam,
entre a biblioteca e a universidade,
vejo-o agora como se na Itália, na Síria, na Suméria.
No dia luminoso, de claridade interna,
o relevo nos propicia visões quiméricas.
Reconheço-lhe a fisionomia:
é o escriba da Ágora, nos portais de agora.
Na latitude afetiva, percorremos cidades extintas;
vimos o demiurgo erguer metrópoles,
delineadas nos contornos do mar.
Cruzamos fronteiras de outras dimensões,
contemplamos horizontes
de que o olhar preserva vestígios.
Bebemos das águas lustrais do Arno,
entre paisagens indeléveis.
Haja comércio entre nós, digo qual o Pound,
imaginando, na leitura de “Sphera”,
o círculo sutil da Lua refulgente.
O não ser nada que se torna o ser tudo.
Imerso nos veios da noite,
meditando, intertextualmente,
na chama do Astro e na “dissonância universal”,
busco, à sua maneira, em cidades imemoriais,
o bálsamo da redenção.
Dos caminhos, não desiste o peregrino.
Somos plantas de uma raiz única,
rios de sinuosos meandros,
cuja correnteza flui a predestinada confluência.

CONJETURAS SOBRE O MAR DE IPANEMA

Valeu a pena caminhar entre a avalanche e a fumaça,
até poder desfrutar desta perspectiva:
há ilhas aquém e além da perfeição alada.
Ipanema translúcida, raio coruscante do mar.
Não obstante, do outro lado, a agonia da competição
e os mendigos, hóspedes das calçadas.
Nas alturas do oceano, o ritual sonoro,
a franja branca lavando a praia:
horizonte aberto entre rochedos.
Ipanema, areia de seda feminina.
Sereia, que as águas beijam de púrpura.
Ipanema, estância abrasada de volúpia,
quem não conhece em mim o monge tântrico?
Na música das tuas ondas, o derviche,
idólatra dos deleites sensoriais,
toca com os sentidos a delicadeza dos teus contornos.
Substância angelical do meu kama-sutra de expectativas!
Peripécia existencial do meu absoluto!
Invento vocábulos para cortejar-te o mar:
magnanímico, protomagnético, lumifacético.
Os três reinos no leque polícromo dos edifícios.
A teia virente da serra, emoldurada pela bruma,
o dorso da montanha entre os irreconciliáveis.
Em facções aquarteladas,
a desigualdade refletida na urbanização.

CONVITE À CONTEMPLAÇÃO DO MAR DE COPACABANA

Vamos ver o horizonte lânguido;
o mar, com suas malhas translúcidas,
sua sonoridade inebriante.
Ver o céu, com suas cores melancólicas.
Vamos fluir na transmutação do tempo,
respirar o alento frio das espumas.
Vê como a natureza é fraterna!
Vamos contemplar o domingo:
a praia é nossa dádiva.
O litoral nos acaricia com o vento vespertino,
igualando os homens na visão, na leveza do ar.
Copacabana é de todos.
Na praia, não se distingue raça ou classe.
Perto da natureza, o homem fica menos feroz.
Vamos celebrar a paz da brisa marinha,
a beleza da cidade de montanha e floresta.
Quantos esplendores nas faces das águas borbulhantes.
O rastro iluminado da onda,
os reflexos iridescentes no dorso da maré.
Os poetas videntes
enxergam diamantes diluídos no espelho flutuante.
Sou dos que idolatram o mar.
Tenho venturas no olhar e aventuras na alma.

MADRUGADA DE MARÇO

Do Recreio dos Bandeirantes,
vejo a rutilância do litoral da Barra.
Na noite iluminada, percorro a Avenida Niemeyer:
observo o ponteio dos faróis em alto-mar.
Palmilhando a costa escarpada,
fluindo entre o paredão e o precipício,
contemplo as peripécias do Atlântico:
alta maré, as ondas rebentam indômitas,
o mar celebra o seu rito de consagração.
Parece que vai transbordar até a calçada.
Atravesso Ipanema intramuros,
pela Rua Joana Angélica,
até o Corte do Cantagalo,
e já me encontro na Rua Bolívar.
Chego ao apartamento, carregado de estribilhos.
Da janela, vislumbro a geometria das constelações:
o Cruzeiro do Sul, hialino, impávido,
álvido colosso de hidrogênio.
Vejo a madrugada, cingida pelos sortilégios de março.

A GÁVEA DO POETA

Tomo o ônibus até a Gávea.
Na Rua das Acácias,
passo em frente à casa, onde, há 23 anos,
visitei Dona Laetitia, irmã de Vinicius de Moraes.
A rua arborizada ao pé da serra,
o bangalô de portão e janelas azuis,
esse bucolismo idílico,
tudo me lembra o Poeta que viveu de encantos.
Imagino-o subindo a ladeira,
até a esquina da Rua dos Oitis,
de onde emergem grandes edifícios.
Vejo-o enfeitiçado pelos quebrantos do amor.
Depois, na Rua Major Rubens Vaz,
de árvores portentosas,
a atmosfera romântica me diz que o tempo passa,
mas a poesia não.
Haverá poetas enquanto houver sentimento.
Outros Vinicius chegarão,
cantando o amor e a cidade do Rio de Janeiro.

25 DE ABRIL COM POETAS

a Elaine Pauvolid

Todos os dias são dominicais, na companhia dos amigos.
O tempo deixa de ser nosso adversário.
Torna-se ocasião rara
o encontro na esquina do cotidiano.
Se os sobreviventes, angustiados, nos interpelam,
permanecemos tácitos.
Diante da tragédia humana, não perdemos a esperança:
cultivamos a conversa lúdica.
A poesia é saúde,
respiração que ressuscita o espírito, a cada instante.
Com esse postulado lírico,
que eu não precise dizer “ai de mim”.
Que continue assim,
sem me afetar com a sordidez urbana.
Que eu prossiga alentado pela leveza litorânea.
Fora daqui a expectativa negativa!
Caminheemos, recônditos na multidão,
transidos pelo encanto da palavra.

OS RECITAIS

a Laura Esteves

Os recitais da UFRJ, do Teatro Gláucio Gill...
De Copacabana à Pedra de Guaratiba,
idílios que transbordam melodia.
Das auras clarividentes emana o apreço.
Nem tudo está perdido.
Ainda existe educação pelo sentimento.
Fala-se dos acordos entre o sonho e o violino,
o silêncio e a palavra, o ser e as coisas.
Esse reconhecimento é que justifica o ser gente.
Essa, a composição da vida!
No processo de interação com o outro,
os poetas pensamos vida.
A poesia, remate de males,
suscita assonâncias
na ascese em que nos alçamos,
da inglória condição de marginais
à consagradora categoria de ídolos.
Cada poeta se eleva na verve do outro
como coisa própria,
na arte de plantar e recolher ritmos;
jardineiros regando lúdicas flores.

PASSEIO NA BARRA DA TIJUCA COM GILBERTO MENDONÇA TELES

Gilberto Mendonça Teles, timoneiro do método,
escande o ritmo dos rios.
Inventa o mar de Goiás na fronteira do imaginário.
Com a isca etimológica,
pesca metáforas no ribeirão do vento.
Na rede, fica a lenda das espumas.
Na miragem, o oceano é uma lagoa,
uma campina, horto de corolas místicas.
Imagino os outros litorais no além.
Nuvens plurais, sem alardes para os sentidos,
“no fulgor da sombra alada”.
Beleza que vem num rumor de prece,
luz intransitiva, para além do osso da rotina,
onde o poeta cava, como o rio, o seu mistério.
No afã de transpor a margem do horizonte,
recolho perplexidades na vertigem do tempo.
Pastoral de luz,
a Barra tem a leveza das brumas de domingo.

SARAU NA CASA DE ANDRÉ SEFFRIN

“Eu vi os grandes homens na taberna” (Alexei Bueno)

Na casa de André Seffrin,
Alexei Bueno recita tangos; enquanto Lia, a anfitriã,
nos brinda com o violão de Baden Powell.
Alexei beijaria os pés do Guimarães Rosa.
Eu, os de Mário de Andrade.
O culto dos oráculos é a nossa utopia.
Antônio Carlos Villaça perdeu cem quilos em seis meses,
atesta o Seffrin.
Deprimiu-se tanto que definhou.
Esqueçamos a vicissitude triste, penso eu.
É preciso rir da vida antes que ela ria de nós.
Mas, o melhor momento é o da leitura,
quando se chega à casa e se escolhe o livro favorito,
e ninguém toca o telefone ou a campainha.
Cantar serenata é hábito de poetas, diz o André,
ao afiançar que Ruy Espinheira o faz com voz à Cartola
(de quem escutamos “deixem-me ir, preciso andar”, em letra do Candeia).
Alexei, tenor, canta Vicente Celestino, aos brados,
como a dizer: viva a desordem!
Recita dez estrofes de Camões.
Vive atirando socos contra americanos.
Por conta disso já quebrou duas costelas.
(E vá a verdade ao inferno,
pois é preciso encher as horas,
para fugir da sentença delas).
A noite avança como um navio no horizonte.
Ricardo Lima e Renato Rezende saíram cedo.
Eu também fujo da madrugada e do sarau.
O Rio não dorme:
na noite cheia de lendas e bandidos,
um táxi me conduz à Rua Bolívar, 38.

O LAVRADIO DE REYNALDO VALINHO ALVAREZ

Num tempo de verdugos e mercados de guerra,
a lavra do medo brota nas calçadas.
Noite de mortos e urubus no precipício.
Caminhar é garimpar espanto.
Há contratos para forjar esquálidos.
Hominídeos que a cidade guarda
em sua caixa de horrores.
Tumbas anunciadas, adagas e estilhaços.
Num tempo de ruínas empestadas de agonia,
cães ruminam sacos rotos,
estrangulados pelo carrasco de prontidão.
Escarnecidos pela ferida da fome,
jazem cadáveres perfurados,
amortalhados, bocas na sarjeta.
Os anseios se esmagam na sordidez das ruas.
O medo pasta, sombra de calafrio.
Coleção de ascos, paranoias lavradas,
imundícies semeadas.
Em que territórios se minera a esperança?
Debruçado sobre a janela da perplexidade,
onde buscar o nome do destino?

MOMENTO ILUMINADO

a Rosa Born

O clima nunca esteve tão afável.
Envolto nos fluidos cálidos da tarde,
diviso a eclosão cromática.
As garotas nunca foram tão belas.
Jamais cidade existiu tão esplêndida.
O Rio é um jardim interceptado de vidraças e casebres.
É um templo de pedras cintilantes;
pedras cercadas de água e céu.
Copacabana unvida de espumas.
Céu de vertigem clarividente.
O vento derrama flores de abril pelo calçadão.
Apesar das grades nas entradas dos edifícios,
apesar da última notícia de homicídio,
reina harmonia entre vida e máquina.
O mar domina a visão, com sua grandiloquência.
O Rio: efusão de estrídulos que termina no mar.

PAISAGEM VISTA DA BARCA RIO-NITERÓI

Um cenário enternecedor se descortina:
a Ilha Fiscal com seu castelinho verde,
famoso pelo último baile do Império.
No aeroporto, um anfíbio de metal sobe
perpendicular ao Pão de Açúcar,
até sumir na imensidade.
Sobre as águas magnéticas voa rasante uma gaivota.
De um lado, Niterói, com quadriláteros imóveis.
Do outro, o Rio, com as fachadas de vidraça e
os pórticos da Candelária,
cúpula emoldurada entre os edifícios e a Serra do Mar.
Os barcos deixam rastros de espuma.
O arcabouço da ponte, cingido de bruma,
portal das ilhas, convida ao devaneio.
A harmonia das velas, em arranjo místico,
flutua no jardim azul.
Venturosa travessia nas carícias do vento.
Na chegada a Niterói,
uma garça encantada ergue o pescoço,
feito um elfo branco.
Signo de bom augúrio, nos aromas da tarde.

A GÊNESE

Sete graus de latitude Sul,
sob o Trópico de Capricórnio.
Das chuvas da Serra do Mar,
nasceram baías, lagoas, mangues,
restingas, altitudes, florestas.
O imigrante fundeia na barra, estabelece a feitoria,
um porto no Morro do Castelo,
estaleiros à margem do recôncavo.
O capitão-mor inventa os destituídos.
Soterra-se uma lagoa, brota o Largo da Carioca.
Nasce o Passeio Público, das águas do Boqueirão.
Ergue-se o Aqueduto dos Arcos, no centro do poliedro.
Passa o povoamento pela Rua Uruguaiana,
além do Campo de Santana.
Na planura, o aglomerado povoa
Cosme Velho, São Cristóvão, Tijuca.
Funda-se a Capital das cinco Freguesias!
O primeiro bonde germina ruas e casas,
invade o vale do Catumbi.
O Túnel Velho penetra na montanha,
drenando avenidas até as praias oceânicas:
viadutos e aterros de mangues
extrapolam limites administrativos.
O negro sai da senzala, sobe o morro.
Multiplicam-se favelas nos penhascos.
A cidade ergueu-se em cúpulas de letreiros:
Tecidos Bangu, Estação das Barcas.
Pórticos, chafarizes, conventos,
a Colônia dos Psicopatas, Nossa Senhora da Penha.
Bebedouro Antigo e Fazenda Real.
Um mar de cimento e vidro
brotou num deserto de pedras.

PERFIL ECOLÓGICO DE RENATO REZENDE

Um passeio, mais que lazer:
meditação sobre a paisagem humano-geográfica.
Eis o poeta ecologista,
preocupado com o mundo e sua transcendência.
O poeta que dialoga com os animais e as plantas.
Um vidente que escreve como quem vive o instante
e perscruta o porvir.
O que se enleva, na ânsia de voltar a ser o que foi;
de perpetuar o agora.
Vive essa utopia de identificar-se com o outro,
de celebrar a cidade voraz.
Dedica-se a adivinhar “Prenúncios de Gaivotas”;
a sentir a condição de ficar de joelhos dentro de si;
a ficar perplexo diante do tempo;
a ser aprendiz de mendigo.
E quando a dor o toca fundo, no gélido caminho,
o poeta, vazio, se despede do espelho.
Entre sombras, ímpar.

URBANIZAÇÃO

Canto a cidade que se espalha em pânico,
corredores vazios, escadas delirantes.
Canto a noite feita de aromas, música visual.
A cidade de violência epidêmica,
explosiva, visceral, epidérmica;
artérias abertas à enxurrada dos carros.
Cidade das redomas de medo, das turbinas asfixiantes.
Das bailarinas adolescentes,
o esgalgo passo na ponta dos pés;
ariscas, olhos inquietos no tumulto,
tingidas de sol, cabelos de seda,
sorrisos que enfeitiçam.
Na correria desvairada,
a multidão sem perspectiva...
A dança descomunal dos veículos.
Urgência de amor que emerge como as águas.
O caos! Turbilhão no transe da encantação!
Transtorno de buzinas, rugir de motores, ranger de freios.
Indiferente aos latrocínios, ando enfeitiçado.
Ó vampiras! Ó tragédia burguesa!
Desdenho as madames e seus cachorros,
desdenho o policial, que em frente à lanchonete,
alisa o coldre do revólver.
Luto contra a desesperança dos semblantes:
além da brutalidade e da indigência,
ergo meu facho na noite do mundo.
Candeia ao vento,
espuma de pálpebras molhadas,
a cidade se desfolha em ânsias de viver.
Cidade de todas as peripécias.
Miríade, confusão e fantasia!
Meu coração canta na voz do mar.

CONFISSÃO

Se eu subisse de joelhos a ladeira da Glória,
não expressaria o meu apego,
cidade mais minha
que de quantos no teu solo beberam luz!
Noites que eu passasse mirando o mar
não traduziriam todo o encantamento.
A água quieta, fitada longamente,
os morros acesos,
as montanhas recortadas no azul.
Delicioso turbilhão que suscita maravilhas!
Meu verso, lícido e diminuto,
sabe apenas enumerar prodígios:
aquele pedaço de praia entre Glória e Flamengo,
as mulheres exalando sedução,
a Gávea – mirante dos deuses;
o Corcovado – apoteose do Cristo.
O infinito abraço de água e céu.
O alto Cruzeiro aceso.
As noites ardentes.
Já não há pacifistas na Cinelândia,
mas recomponho o teu sussurrante nome,
na fragmentação do delírio.
Configura-se na Avenida Rio Branco, fervilhante.
Nos portais da Biblioteca,
algazarra e tumulto em toda parte.
Ar de bolero em Copacabana,
calçadão de todos os Brasis.
Rio de amendoeiras e cascatas.
Rio, abismo verde sobre o mar;
esquecer-te, não sei.

O MIRANTE DAS PAINEIRAS

Vista do alto do reino florestal,
inserida em cratera expansiva,
abre-se a cidade em magnitude:
claros espelhos.

Lagoa submersa,
ornada de muralha circular,
oásis onde o caminhante bebe alento.

Arejada entranha vegetal.

Lagoa ornamentada de prédios brancos,
superfície de ônix, polida.

As ilhas emergem do céu.

Sombra enternecedora entre montanhas.

A IGREJA DA PENHA

Entre favelas em que se acendem casas amontoadas,
a Igreja é um altar acoplado à pedra,
um farol sobre a várzea colorida.

A insígnia da Ponte coroa a perspectiva.

Policromáticas edificações:

o povoamento gradativo agarrado à encosta.

Alarido de cães, gritos de crianças,
batucadas, fogos de artifício...

Montanha cravejada de casebres,
a favela é um vulcão de expectativa.

Relíquia sobre a erupção,
a Igreja repousa em meio ao paradoxo.

JARDIM BOTÂNICO

De repente, me descubro navegando:
o olhar fluindo em verdes flâmulas,
o círculo da vitória-régia,
hóstia de clorofila no santuário floral.
Um bando de aves me chama,
num formidável estardalhaço.
Um esquilo risca o chão,
dá cambalhota no esbelto tronco.
Serenos silvos estridulam no ar.
Infiltro-me na sombra úmida.
Lá fora, rumores e assombros.
Aqui, murmúrio d'água e clareira.
Cajá-mirim, junto ao córrego, abraça jatobá.
Pau-d'arco-roxo, esgalgo e solidário,
cresce paralelo.
Bambu-bengala, espalhafatoso,
exibe galhos-tentáculos de franzinas folhas.
Perfilam-se os leques-guardiães,
cingindo as margens lacustres.
Houve tempo em que tudo era perfume.
Uma nuvem de sufoco se aproximou,
mas o silêncio refaz o sentimento.
Silêncio fraterno sobre a floração.
Em córregos e relíquias de pedra,
deposito a lápide do meu poema inaugural.

VENERAÇÕES AO LITORAL

Canto os revérberos de janeiro,
o diamante das manhãs,
os verões e os perigos.
Tarde aziaga na despedida de um filósofo.
Noites de utopia em que Vinicius de Moraes
hipnotizava as mulheres.
A manhã em que li “Para Além do Bem e do Mal”,
meu primeiro alumbramento filosófico.
Aquele clássico no Maracanã,
a névoa de pó-de-arroz sobre as três cores...

Percorro em delírio a orla do Leblon,
a cidade se descortina em sinuosas simetrias.
O dia claro suscita lembranças,
a música me conduz a outros momentos,
as horas se avultam na contemplação.
Uma peregrinação à Barra da Tijuca,
quando o shopping ficava no areal...
Meus poemas inconclusos, plenos de expectativas...
No porto, que se alonga nos faróis até Niterói,
o transitório dom da água.
O coração menino aprende a olhar as ilhas,
as montanhas traspassadas de paredes,
os edifícios do Flamengo, o oásis do mar,
os ônibus desabalados, as mais belas moças.
Vento na tarde, barulhos e o céu nublado.

Espuma florida, onde a pedra invade o mar.
O todo orgânico, de florações cósmicas.
Enigmas que imagino no entendimento puro.
O mar se reclina, ofertando as pétalas do instante.
As mulheres, lábios de fruta, meandros de volúpia.

Um grito no âmago do flamejante olhar.
O incêndio de tudo:
glândulas, sangue, alma e paladar.
Qualquer coisa de selva e desvario,
enseada, areia de leveza,
tempestuoso céu.
O tempo atrita com a ansiedade.
Mágicas gradações na visão.
Nem becos de sofrimento,
nem despenhadeiros de terrores.
Celebro as carícias da vida,
as meninas da noite pura,
a doçura fremente do litoral.

ODE À PRAÇA XV

No portal de Niterói, o idílio da barca.
Viajo aconchegado à calma de outrora,
como em outros passeios.
A tarde transborda.
(Na chegada, um bêbado salta à margem do porto:
toma um banho de óleo.)
Repentinas reminiscências:
o ônibus encalhara em São Conrado.
Vieram as alvíssaras.
Uma noite, a cidade inundou-se de aromas.
A tessitura de um corpo feminino,
o aconchego de sensações extremas,
incenso de cereja.
A volúpia de um sorriso,
relva que dorme na tarde...
Mas era da Praça que eu falava,
a Praça XV de Novembro,
onde celebro, entre tumultos,
todos os acontecimentos:
a flora brasileira dissolvida em triunfos,
escarpas, arco-íris, acauãs, aroeiras,
cardumes nos portais aquáticos.
O mar precipita vertentes.
Observo o rito audaz das ondas.
Isto posto,
proclamo a República Lírica do Brasil!

PRAIA VERMELHA

Claridade de estio envolve o círculo de pedra.
Em diáfana dispersão, sobre a laguna verde-azul,
passeiam nuvens, matéria celeste.
Na pequena praia represada,
o campo líquido se reclina,
e o mar, lago aprisionado entre ilhas,
viaja na transparência ondulada.
As ondas cantam nas correntes de frêmito.
Tangem liras de espuma nos arcos das pedras.

PERFIL DA CIDADE

Rua Senador Dantas, entre hotéis de naftalina
e cafés com ventiladores estridentes.
Atravesso o beco dos Poetas de Calçada.
Chorinho nas noites da Lapa.
Caminho entre espasmos e obsessões.
Cidade armada, povo faminto,
arrancando à bala o patrimônio alheio.
Gente dormindo nas calçadas,
tomando banho nos esgotos...
Tiroteios fechando ruas, balas perdidas,
automóveis perfurados,
o sangue das vítimas desgraçando tudo.
Caminho entre sujeitos de altíssima periculosidade.
Ontem, 200 tiros atingiram a Prefeitura,
e ninguém sabe quem os disparou.

COSME VELHO

O ônibus transitava pela Rua Senador Vergueiro,
parando diante das palmeiras do Largo do Machado.
Árvores imemoriais resistem à invasão metálica.
Na Rua das Laranjeiras, como outrora,
cintilam samambaias nas varandas.
O Colégio São Vicente de Paulo
acende a aura de um momento...
A Rua Rumânia, de encanto medieval.
Não havia esse cheiro de mijó nas calçadas,
nem temor de balas fratricidas.
Não sumiu na fumaça a nostalgia do livro da vida.
Infiltrações de luz entre paredões.
Além do Largo do Boticário,
a cidade tem sabor de mistério:
floresta, murmúrio d'água,
casas incrustadas na montanha.

INSTANTE NA URCA

Minha solidão, os barcos, a inquietude do mar
e o tempo nebuloso...

O frio insólito de setembro,
essa angústia dos carros na rua estreita...

Mas, ao menos a perspectiva é de alumbramento.

Em mim, a visão dos prédios é um arco-íris,
com a esperança de um tempo que se reconstitui.

Que esse desejo de sol me aqueça o gelo interior
e derrame azul na moldura da paisagem.

(A cidade se descortina em sinuosas simetrias.)

Aves do céu, trazei os fulgores do dia!

NÉVOA NO PÃO DE AÇÚCAR

Flutua o Cristo sobre o convés do oceano,
guardião dos pântanos da Terra.
Cavalga filigranas nas águas movediças.
Voa sobre prédios e montanhas impalpáveis.
A cidade mergulha na textura da distância.
Quebrantos ecoam em mim.
Perplexo ante os abismos do mar,
ponho a alma na intimidade dos enigmas.
Derramo soluços nos pórticos invisíveis.

CAMINHANDO EM IPANEMA

*“Rua Nascimento Silva, 107
Eu saio correndo do pivete”
 (“Carta do Tom”, paródia:
Toquinho, Tom Jobim e Chico Buarque)*

Sob as grandes árvores,
feito quem desvenda o labirinto de si mesmo.
Meu desvelo é um panteísmo em que cultuo ídolos.
Caminho estigmatizado pela Rua Nascimento Silva.
Paro diante do pequeno prédio,
número 107, onde viveu Tom Jobim.
Há também o mito da casa do Plínio Doyle,
na Rua Barão da Torre,
onde dialoguei com Drummond.
Todos os itinerários me levam ao mar.
Cores do mundo, espumas matizadas de sal.
Não penso em perigos.

SANTA TERESA

Subo os mirantes:
mar envolto em névoa,
ilhas veladas na distância.
Passa um cortejo armado;
o crepúsculo me devolve a beleza.
As primeiras luzes brilham na costeira.
Faroletes vacilam nos tetos das favelas.
Além, o próprio mar desaparece noutra mar,
na profusão abstrata.
Lá vem o bondinho!
Salto para dentro da engrenagem.
Formidável trepidação!
Sinuosidades do movimento declinante.
Serpenteia o artefato, na iminência de se despedaçar.
Percorro dois séculos em minutos.
Na emoção de cruzar os estreitos arcos,
a altura é a do espírito,
arqueologia do sentimento.

MÚSICA NA CINELÂNDIA

Na Cinelândia, ao lado da estátua de Carlos Gomes,
um telão transmite imagens de um balé francês.
A plateia desfruta do malabarismo dos bailarinos.
Na noite de concórdia,
a música envolve os expectantes.
As crianças pobres correm num desvario de alegria.
Os bandidos nos deram trégua:
a orquestra devolve o céu à terra.
Os mendigos loucos dançam,
girando em ritmo alucinante;
esquecidos da própria calamidade,
deixam-se penetrar pela sinfonia.
Uma doida frenética sacode o corpo em síncopes.
Um velhote, agitadíssimo,
brande metais nas mãos convulsas.
Lavando os andrajos da desgraça,
a música embalsama as chagas.

VISTA DO CORCOVADO

Vertiginosa profundidade.

A exuberância pigmenta todas as cintilações.

A vegetação escorre das escarpas.

Na translúcida sombra das águas,
sinuosas linhas multiformes.

O mar, provisão de intensidade,
com sua têmpera indômita.

Íris diamantina.

Olhos imersos nas flores da torrente,
o lábaro de acalantos:

pérolas emergem do limo.

NOITE NO LEBLON

Não há flores no Jardim de Alá.
Entre a Vieira Souto e a Delfim Moreira,
a lua acende as esquinas,
tinge de violeta os lábios das mulheres.
Estonteado pelo rubro das bocas,
olhos lúbricos, inundo o paladar.
Pupilas embruxadas de paixão,
bebo pétalas alucinantes.
Incendeio-me na languidez noturna.
Uivo para as melhores fêmeas,
lobo solerte.

COPACABANA

Os ônibus violentam toda noção de olfato.
Grades e alarmes brotam nas contingências.
Quem varre as ruas nada sabe de perfumarias.
Sem carro blindado nem colete à prova de bala,
caminho ao lado de policiais,
pivetes e camelôs; sob galerias,
entre entulhos e canteiros.
Os policiais reclamam de um vendedor de relógios.
Uma pedra verde reconstitui a natureza.

Na Rua Duvivier, renderam à faca uma senhora.
Furtaram dois visitantes de um edifício, na Cinco de Julho.
As crianças estão sequestrando ônibus,
fuzilando turistas.
Da Santa Clara ao Leme,
aconteça o que acontecer,
cultivarei a paixão,
pela pedra verde ao fundo da Travessa.
Na lembrança, esta visão de humanidade:
a criança branca e o ancião negro conversando,
o dia ensolarado na face dos prédios.

Copa dos moleques batedores de carteira;
das meninas vadias, doidivas, perseguidas.
Aconteça o que acontecer,
manterei esse desregramento,
comunhão e algazarra,
anomalia dissonante.
Copa dos namorados que se beijam nos bancos sujos.
Dos violões nas mesas e nos corpos.
Do cheiro de peixe, que hipnotiza os comensais.
Das garotas que acenam para os carros.

Copacabana, és a materialização do princípio da incerteza.
Sinestesia, ainda que tumulto.
A noite caminha no abismo dos teus espasmos.
O crioulo falando só,
as pernas bambas em ziguezague.
As meninas de convidativos olhares.
Os meninos famintos, expulsos do supermercado,
vasculhando sacos de lixo.
O homem sentado no chão,
uma criança dormindo-lhe ao colo.

Copa, dama da tarde,
lampadário no horizonte.
Mulheres! Mulheres!
Copa, cabana de Baco,
surpresa diante da expansão.
Tudo tão cotidiano como os bares vespertinos,
os viventes com seus destinos enigmáticos.
E eu, entre os vilões.
A noite se anuncia, com cinza espessa.
Copacabana,
quando serás o revés da farsa?
Villa-Lobos na boca do Túnel?

MANHÃ NO ARPOADOR

De sobre a pedra, ver as profusões:
cachos de espuma onde a rocha invade o mar;
os corpos fluidos.
Em tudo, brilha a vertente mineral.
Despojadas do seu centro incomensurável,
fulguram camadas de plumas,
cingindo as escarpas.
Esvoaçam ruínas em semicírculo.
Esfuziante espírito, na esmaltada superfície.
Caminhos de mistério entre ilhas.
Um luar de nuvem desenha os cânones da vida.

VITRINE

Na Rua Barata Ribeiro,
o marginal, maltrapilho,
olha a vitrine do “Centro de Estética Canina”.
Dentro da loja, conversam duas moças
e dois cachorros.
Elegantes e perfumados, os animais brincam,
cheirando-se reciprocamente...
No luxo da vidraça,
a loja expõe sabonetes, xampus, berços, banheiras e comidas.
Tudo, para cachorros...

A CONSCIÊNCIA DO REDEMOINHO

A favela tem lixo multinacional.
Tem cloacas escancaradas.
Histórias de meninos assassinados pela polícia.
O caveirão, dizendo que vai devorar as almas.
Bandoleiros, que fazem ronda com fuzis e pistolas.
Que sequestram ônibus,
e deixam cadáveres nas portas das casas.
A favela é só a ponta do iceberg.
O medo se transforma em ódio em toda parte.
Com um agravante:
os mandatários de tudo
recebem prêmios pela criminalidade.

Rio de Janeiro, Favela da Maré, 11 de novembro de 2009.

MAR DE COPACABANA

Maroto mar, ó mar que se estronda
e estruge, atro mar, matreira onda,
lava os farrapos dos indigentes,
lava o pensamento dos dementes.
Mar romântico do meu Brasil,
lava o belo cu do mulheril.
Mar azul de Copacabana,
mar de Deus, grandeza soberana.
Mais do espírito que da matéria,
flutua sobre a humana miséria,
lúbrico arcanjo fenomenal.
Tu fecundaste o mundo ancestral,
rei da vida terrena e aérea,
portento de poder colossal.

EXOTISMO

Na avenida aberta a todos os fenômenos,
aquelas meninas exibem peitos e bundas.
Loucas e charmosas,
oferecem um espetáculo de estética.
Freneticamente flexíveis, híbridas,
andam de um lado ao outro da rua.
Na esquina da Júlio de Castilhos,
bailam insinuantes,
encantadoras e escandalosas,
imperturbáveis ao frio.
Mínimas, as roupas cravadas nas carnes de volúpia.
Caso se aproxime um “cidadão honrado”,
elas abrem as túnicas inconsúteis,
mostrando lindos seios e biquínis coloridos.
Que festa de erotismo!
Que júbilo na gargalhada da loura,
voz de garoto adolescente,
quebrando o artifício do instante.
Súbito, duas mulatas de coxas lisas somem num carro.
Outra, de peitos volumosos,
também desaparece nos breus da noite.
Resta uma, de longos cabelos dourados,
translúcida e solitária,
na esquina da expectativa...

A CIDADE VISTA DE DENTRO DO CARRO

Da Rua Bolívar, pelo Corte do Cantagalo,
vou diretamente à Lagoa.
Passo ao largo da navegação de reflexos:
Santa Margarida Maria ao pé do Rebouças.
As placas indicam Cosme Velho e Zona Norte.
Velocidade no túnel de paredes de carvão:
um arco de luz de repente emerge.
Um portal descortina a miríade:
o labirinto, a multidão de carros vazando as avenidas.
O Morro da Viúva entre duas maravilhas.
Penumbra lírica na Rua da Passagem.
Medito sobre o perfil sociológico da cidade.
Avenida Niemeyer: subindo a colina,
Vidigal e Sheraton, dois polos nacionais.
São Conrado junto da Pedra da Gávea,
prédios de luxo cingidos pela Rocinha.
A favela invade as ruas em trajes mínimos
à sombra vespertina;
tarde pródiga de humanismo contraditório.
Escadas de concreto alastram-se na montanha.
O Corcovado emoldura-se em quadriláteros,
névoa sobre as sutilezas do mar.
Abril trouxe os ventos do Sul,
sopro de vida no refúgio da enseada.
O cheiro súbito do mar invade-me as pituitárias.
O Rio é de todos - brilha como o Sol.

A LIVRARIA

Adentro os umbrais do Edifício Marquês do Herval.
O rito de passagem conduz às dimensões lúdicas.
Desço a espiral de um subterrâneo de luzes,
giram percepções de cristal:
o olhar desvenda iluminuras,
códices de preciosa indústria.
Anticaverna do tempo, flui o rio da memória,
núcleo de referência do mundo.
Nem toda livraria é um pórtico da Galáxia,
insígnia da vida.
Mas, se Leonardo é o patrono,
um gênio conversa com o espírito dos livros:
o acervo suscita viagens insólitas.
Nem toda livraria exalta inexorável fortuna:
a vitrine é aquarela mística, ignição do estro,
motor geracional da história.
Saio pela galeria conduzindo um artefato de plástico,
repleto da prosódia universal.
Se o patrono é Leonardo,
a livraria é ponto cardeal de insônia e êxtase.
Arcádia! Ágora! Acrópole!
No frontispício está escrito:
“Livraria Leonardo Da Vinci.”

ICARAÍ À NOITE

À noite, à etérea plenitude,
a paisagem abre-se no pálio milagroso.
Na vertigem da miragem,
cultivo esse deslumbramento.
Antes que a grande onda apague meu rastro sobre a areia,
caminho ao largo da beleza.
Sob o galardão de estrelas,
espalho a exuberância do meu canto:
a mais alta fortuna pulsa na visão.
O quintal dos idílios me entrega essa colheita:
garotas perfumadas na calçada,
tranças e quadris à flor do vento.
Antes da dissolução da definitiva noite,
beberei com alvéolos as essências visuais.

LEMBRANÇA DE UMA VISITA A ASSIS BRASIL

De nome Assis,
brasileiro na graça de viver,
veste túnica visionária
o escriba de todos os tempos.
Visitei-o numa tarde enfeitiçada.
Vi um monge, austero,
debruçado sobre uma máquina de escrever.
Obcecado como quem procura um talismã,
o olhar no palheiro dos haveres.
Do alto de uma torre, guardião dos lindes,
decifraria algum idioma submerso?
Miraria hipocampos nalguma praia derelita?
Quis perguntar-lhe que mistério determina a vida.
A nuvem do tempo cobriu-nos a face.
A Rua Correia Dutra perdera-se na miragem,
melodia que desaparece no ar;
perfume que a noite leva nos quintais da infância.
Visitei Assis Brasil nas alturas de seu refúgio.
Havia quebranto.
Estava diante de um sacerdote do mar,
transido pelo cenário de outras tardes.

O DISCURSO DE PRIAPO

Do Largo de São Francisco à Praça XV,
sátiros agarram as nádegas das ninfas.
De São Conrado à Barra da Tijuca,
as de lábios cereja mostram o sexo aos centauros.
Eros passeia no Leblon, com bacantes desnudas.
Do Leblon ao Leme,
levo meu pavilhão anatômico,
obelisco visceral.
Só de ver umas coxas,
irrompe o estorvo sob o meu umbigo,
hirtó androceu.
O talo intumescido respira ácida seiva:
tem a sede de expelir,
descarregar o fardo que o incomoda.
O coração na língua, examino essas filhas do mar.
Transborda-me um cântaro, estandarte em fogo.

CLARIVIDÊNCIAS NO ARPOADOR

Recanto onde a vida repousa na pele das águas.
Varanda de onde a fruição anímica,
reverbera matizes.
Tórrida delicadeza flui.
Na espuma, o arco-íris se prenuncia.
Miragem, chuva de luz, visão astral.
O sol abre um leque dourado.
Colunas etéreas fincadas na profundidade.
Misterioso templo, riscado de gaivotas.
Este, o Deus dos meus altares.
As entonações são minhas, na voz do mar.

Rio de Janeiro, 09 de novembro de 1998.

PASSEIO ECOLÓGICO AO MORRO DO LEME

a Pedro Menezes

Revelo ao mundo a sagração das águas,
a quietude da Baía vista do alpendre ajardinado,
o verdejante flanco das colinas:
grandes rochas envoltas em bosques,
escarpas aureoladas de nuvens.
Tudo está encantado: ipês, jequitibás e paineiras,
pitangueiras, beija-flores,
ressonâncias inebriantes.
Medito num refúgio de onde as grandezas se desvelam:
Urca, Pão de Açúcar, Corcovado,
Pedra da Gávea, Dois Irmãos.
Têm a postura de deuses antigos.
Copacabana, bordada de espumas,
até o istmo onde começa Ipanema.
A visão do mar onipresente.
Tudo está encantado:
os sons fantásticos na vegetação,
a viração das vagas
e este caminho na alameda virente.
À sombra serena,
dádiva de andar neste espírito de saúde,
recolho a efusão de aromas:
musgo, relva e folhas;
bálsamos da alma.

RIO ECOLÓGICO

Deixa que prevaleça este orgasmo no vento,
o manso encrespar das ondas,
o doce relevo e as cores do mar.
O espelho de cintilações areja luzes.
Há perfumes onipresentes nas plantas,
ouro vivo sobre os edifícios.
Além das seduções mercantis,
deixa que brotem rubras florações,
vigores de seiva, flora de neblina.
Sejam inflorescências de orquídea
os cabelos das garotas douradas.
Além dos rumores e buzinas,
Copacabana ostenta pedras de seda,
fulgores prismáticos no sexo das águas.
Ipanema flui o santuário azul.
As gaivotas beijam as águas.
Há ternuras de alegria marítima.
Leblon, deixa que girem vorazes caracóis,
polpas dúcteis de nectáreos ramos,
odor de pescado e fruta, na tarde vegetal.
Espuma de brilhos, cristais do verão,
lácteas taças de vida.
Que a lua deslize, bebendo a claridade do dia.

Rio de Janeiro, dezembro de 1990.

CRÔNICA ORTODOXA

a Natalício Barroso

Das ruas de Copacabana,
a Leopoldo Miguez tem passarinhos verdes.
Das ruas do Leme,
a Anchieta tem ancoradouros,
onde aportam os poetas itinerantes.
Depois da chuva, entre arcabouços de aço,
serras perfuradas por túneis,
mansões entre favelas,
degusto açaí, o elixir do pajé,
que a gente saboreia com os olhos:
garotas robustas são a propaganda.
No perfil de lâmina do horizonte,
ácido e óxido diluídos em selva e rama.
Com o troféu de corifeu de Cronos,
fescenino e monge,
entre vitrines e usinas de lixo,
discorro no ônibus de cada dia.
O assalto, o pão do asfalto,
doces pernas fêmeas, lubricidade...
Na Santa Clara, estrídulos, turbulências.
Recorro ao poeta Roberto Pontes:
Onde o remédio que cura o tédio?
– Na Farmácia Poesia.
Explodem buzinas,
meninos pedem comida a velhas prostitutas;
meninas, de cabelos molhados, levam-me os sentidos.
Farpas nas grades dos edifícios.
Pureza e tentação em Botafogo.
Rua Alice, de aliciantes delícias,
portal de Santa Teresa.

A alma machadiana do Cosme Velho.
Abismo, vórtice, vertigem.
A cidade tem mandíbulas,
carros perseguindo o rebanho rastejante.
Além das ideias pulverizadas dos vampiros de ectoplasma,
de todas as janelas se vê o Cristo de luz.

ITINERÁRIO NÔMADE

aos tios Afonso e Josberto

Festa de luz no horto da Gávea.
Braços de granito se estendem na imensidão.
Casebres se alastram,
espalmando mãos de concreto na costa azul.
Ilhas emergem além da proliferação urbana.
Sobre alfombra líquida, a Ponte Rio-Niterói,
sólido arco-íris onde barcos erijam espumosas crinas.
Do alto do Pão de Açúcar,
na interseção da Guanabara,
dois gigantes se miram,
exibindo os paredões urbanos.
Na amplidão das maravilhas,
o mar de Vinicius ostenta mistérios,
“limando ruivas rochas distantes”.
Céu de fantasmas leitosos de Verlaine,
manchado dos horrores místicos de Rimbaud.
Rua Bolívar, Rua Miguel de Frias,
residências do meu destino,
paradeiros do meu itinerário nômade.
Sinto que o universo tem a dimensão da amizade.
Copacabana, minha expectativa,
futuro auspicioso de êxtases e êxitos!

DIVERTIMENTO NO RIO

Depois de haver vivido como prisioneiro,
andar nas ruas de beleza,
falando português, sem a palavra saudade.
No jardim das águas, ler, com os olhos do espírito,
o livro da civilização brasileira.
No pátio livre do Arpoador,
estrangeiro, vem ver o que é gente!
Se os gritos do século agonizam nos túneis,
há festivais em alegro no Rio Sul.
As mulheres compram o verão.
No Rio, em que brotam as fontes por que vivo,
meu compromisso com a liberdade é mais firme,
pois sou o poeta do espaço entre o Pão de Açúcar
e a Cruz Universal do Corcovado.
Vejo-te, Atlântica opulência,
esmeralda vegetal do meu tesouro,
espuma desenhando colares nas ilhas.
Canto a festa do dia, sob a sombra de Laranjeiras.

NOTURNO DO RIO DE JANEIRO

Atravesso os túneis e o tumulto fervilhante.
Observo as velozes máquinas,
deslizando sobre o plano escuro do asfalto.
Vislumbro a orla marítima pontilhada de luzes,
fluxo palpitante de vida, cintilando rotativos faróis.
Água a renovar de brisa o perímetro das artérias.
Da janela do ônibus, revejo o cenário comovente:
a transfiguração da paisagem.
Rio de Janeiro, atendo ao chamado do teu ritmo:
percurso voraz da sensação,
tráfego turbulento.
Satisfaço-me, contemplando a volante fruição.
A nave dos idílios, na Gávea dos teus respiradouros.
Vejo a linha costeira de lustres e cristais.
A ponte é um rosário incrustado de rubis,
um carrossel faiscante.
As colinas, nubladas de cerração.
Névoa do anoitecer, lavando minhas pálpebras.
Consterna-me afastar o olhar do teu relevo enternecedor.

Rio de Janeiro, agosto de 1983.

INSTANTE NA RUA DAS LARANJEIRAS

a Adriano Espínola

Este momento é muito feliz:
a tarde está nublada,
a cidade se abriu em tumultuados festivais.
Tarde lírica e fria no Rio de Janeiro,
estranhamente encantada.
Pela rua, os motores precipitados
em ruídos de confusão.
Mas, além da cúpula dos prédios pardacentos,
há um não sei quê de insondável,
que faz a hora fascinantemente romântica.
Este belo instante, puro de plenitudes visuais,
(embora só eu o esteja a observar)
é claro devaneio azul:
úmida dissipação no ar,
sob a forma de suaves carícias do vento.
Este momento exuberante transcende toda expectativa.
Eu o recordarei, como recordo
os tempos imemoriais da infância.

Rio de Janeiro, setembro de 1986.

RECREIO DOS BANDEIRANTES

Deste mirante, vejo florestas, serras e o mar que se evapora.
Nas encostas, o rastro da cachoeira:
vegetação arejando a atmosfera.
A aura das colinas é tão benéfica que estonteia.
Tonalidades do verde, na maravilha do espaço.
Quantas dádivas o ser compreende!
Várzea vegetal, evanescência de aromas,
idílio do mar na efervescência do ar.
Sons de cigarra e pássaro encantado.
A tarde sacramenta o tempo.
Difusa luz nos cimos virentes,
nas nervuras dos ramos tênues.
O arvoredado, o campo, as colinas e as alturas do oceano.
Quietude restauradora de perfumes silvestres.
Bando fagueiro de andorinhas na amplidão.
Atmosfera de rosáceas.

Rio de Janeiro, maio de 1984.

PERFIL LÍRICO DE AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA

Um poeta avesso à santidade protocolada,
rebelde a toda repressão,
perplexo ante a morte coletiva.
Um poeta que vê constelações no corpo das mulheres,
e cultiva o vício da beleza.
Um poeta que sente a luz que há dentro da pele.
A quem repugna ver batalhas em plena rua.
Que rechaça o veneno onipresente.
Que não sabe sorver a vida indiferente.
E vive iluminado pelo prisma das catedrais.
Transtornado pelo desencontro das almas,
em vez de inspirar-se, como Rilke, em castelos,
assusta-se com tiroteios.
Em vez de contemplar cisnes,
recolhe o mote das notícias de assalto e guerra.
Pleno de expectativas, escreve como se lhe ardesse o ser.
Ao mesmo tempo, íntimo das estrelas
e expectante do cotidiano;
espantado com a singularidade das coisas.

VIAGEM TRANSOCEÂNICA COM HOMERO HOMEM (NO ZIMBÓRIO DO LEBLON)

Subo ao convés, o luar prateia os cabelos do marinheiro.
Saboreamos repastos deleitáveis, que a tarde nos entrega.
Detectamos o fluxograma na atmosfera onírica.
Na fosforescência dos espelhos, incide o vitral azul.
A tarde estremece e o mar solfeja sinfonias.
Homero veleja ao volante,
gaivotas pousadas nos patamares dos castelos.
Tarde de domingo.
Num sopro de expectativa, o ocaso esfria os pomares.
Frutos de alegria e doçura azulada nos perfumes.
Homero viaja no reino de Capricórnio.
Absorto, vestido de brisa,
semeia a brevidade do eterno,
as mãos servas de gleba refazendo um anagrama,
colhendo os madrigais.
Soluços, nos ventos da lagoa de angustura.
Homero estonteia-se entre sáurios mecânicos.
Alunissamos no zimbório do Leblon,
mensuramos os vales,
agrimensores do prisma, além da estepe lunar.
Nos jardins lacustres,
a tábua das marés afronta a ventania...
Marinheiros de oceanos vespertinos,
embevecidos pelo Terral,
ancoramos no crepúsculo:
sereias nos espreitam do epicentro dos mares.
Observamos as ilhas bem-aventuradas,
circunavegamos o signo das nebulosas.
Suave oceano, ondas de euforia.
Por todos os quadrantes se espriam cores.

SOLICITAÇÃO AOS AMIGOS

No dia 22 de maio levem-me a passear em Piratininga.
Conduzam-me cuidadosamente
ao largo da perspectiva indelével,
para que eu desfrute a visão do relevo.
Que eu me extasie diante da flora mágica
e das assombrosas grandezas,
beijadas pela luz da tarde apaixonante.
No dia 22 de maio concedam-me o gosto desta prenda.
O olhar que veleja clarividente se alça até os cimos.
O estrugir das vagas percute reverberações.
A voz da profundidade narra a história das águas.
O corpo permite que o espírito
aprecie o referver dos turbilhões
e os aprazíveis sopros dos lumes coruscantes.
No dia 22 de maio levem-me a passear em Piratininga.
O espírito saberá agradecer-lhes,
com uma palavra de perplexidade.

CAPITAL DOS PRAZERES VISUAIS

Respiro meandros de floresta e mar.
O Sol oracular escreve essências,
a ondulação explode em curvas,
desliza na pedra escorreita.
Capital dos prazeres visuais:
velas como insígnias num manto líquido.
Órbita de beleza, do Flamengo à Urca.
Projetado à distância,
enevado relevo com nuances:
prédios e paineiras,
cachoeiras sobre a Lagoa,
serras sobre túneis;
corredores, vazados de periculosidade.
Além do carrilhão da ponte sobre a Baía,
de Itacoatiara a Paquetá,
tudo claro:
pulsação vital, nos trilhos da Linha Vermelha
ou nas pistas da Zona Sul;
madrugada, no cheiro das árvores do Aterro do Flamengo.
Luz densificada na superfície do mar,
mistério aberto à velejação da memória.
Configuração de terra e céu,
repositório de dádivas.
Canto a visão que me acende a vida.

Rio de Janeiro, novembro de 1998.

DUAS CANÇÕES:

O RIO DA BARRA MANSA

Vejo o que a paisagem ensina,
quando o mar se descortina,
clareando a cerração.
No Rio da barra mansa,
sem que eu buscasse esquivaça,
molhei-me de contrição.

O céu e o mar se juntaram,
no azul de um profundo tom,
nas areias do Leblon.
Fiz da liberdade um lema
no horizonte de Ipanema,
mergulhei num sonho bom.

No outro extremo da calçada,
desponta a pedra encantada,
a muralha do Arpoador.
Como um mito debruçado
na serena transparência,
um rochedo de esplendor.

Na quietude da seara
vejo um porto de água clara,
espelhando a imensidão.
Nos matizes da colheita,
a vida se fez perfeita
nas horas do coração.

Nesse remanso encantado
do Rio verde-azulado,

nas estâncias do verão,
quanta beleza se espraia,
pelos recantos da praia,
na fluida navegação!

As florestas e as montanhas,
o relevo verdejante,
as visões de cada instante.
Luz votiva que abençoa,
água viva — linda e boa;
vastas trilhas — linha e plano;
maravilhas do oceano.

GRUMARI

O Sol despejou uma oferenda de nácar sobre a floresta,
e a flora cobriu de turmalinas o dorso dos penhascos.
Ilhas de paz afloram na planície azul.
Paraísos emergem sob a forma de rochedos,
ornamentando o templo aberto do horizonte.
O mar enfeita de guirlandas brancas
a areia de Grumari.

A TERCEIRA MARGEM DO RIO

Jarbas Júnior

De beleza inexcelável, o carisma do Rio de Janeiro reside no colorido tropical de seus contrastes. Tudo conspira, nesta cidade, a favor da poesia. O edênico de suas esplêndidas paisagens naturais, ao lado da sua imensa alma alegre, agitada, efusiva: Copacabana, Ipanema, Leblon, o litoral mágico, recortado de montanhas e restos da Mata Atlântica, sob o belicoso submundo das favelas sobre os morros.

Exercitando a metáfora com rara perícia, o poeta Márcio Catunda, de forma hábil, conseguiu captar estas antíteses líricas e sociais, alternadamente, em poemas de grande plasticidade visual. Cenas idílicas de praças, logradouros, ruas antigas, bosques, praias, o Cristo Redentor. Os célebres lugares da visita turística, junto com a denúncia crítica, às vezes irônica e angustiada, do paraíso carioca, em seus absurdos, misérias e injustiças.

Merece leitura atenta esta experiência poética com perfil de crônica delirante. São belos flagrantes evocativos, depoimentos comovidos, marcados pelo verso livre, com insólitas variações rítmicas. A linguagem sugestiva, de vocabulário rico, explora diversas possibilidades expressivas: ora revela ambientes impregnados de indelével valor afetivo, ora compõe pequenos painéis dramáticos da urbe maravilhosa, tocada de estilo próprio, de sensibilidade talentosa.

EM BUSCA DA PLENITUDE

Anderson Braga Horta

Conheço Márcio Catunda há pouco mais de vinte anos. Não me lembro das circunstâncias desse conhecimento (sou um desnortado, confesso, no tempo e no espaço), mas com certeza foram circunstâncias literárias. Márcio sempre se me afigurou o típico poeta, não só por fazer versos, é claro, mas pelo aspecto mesmo – tranquilo, sem ser conformista; sonhador, sem perda de contacto com a realidade – e pelo interesse permanentemente voltado para as coisas do espírito. Vejo que essas palavras poderiam igualmente aplicar-se ao filósofo ou ao místico moderno... E não seria Márcio tudo isso? Fosse como fosse, nosso relacionamento não ficou limitado ao de colegas de ofício que se respeitam: tornamo-nos amigos. Amizade e poesia de tal modo entrelaçadas, que não posso falar do poeta sem refletir o amigo, e vice-versa.

Por essa época, Márcio tinha lançado já alguns livros. Sua estreia fora uma parceria com Natalício Barroso Filho, nos *Poemas de Hoje*, de 1976. Cinco anos mais tarde, publicaria sozinho *Incendiário de Mitos*. A obrinha –hipocoristicamente falando, e porque tem apenas umas poucas dezenas de páginas – vem avalizada por nomes de truz: Jáder de Carvalho, José Alcides Pinto e Moreira Campos. Em meu exemplar, ofertado em 1985, destaco (esta mania de assinalar a lápis os poemas de minha predileção) “Confidência”, de que retiro dois versos definidores de uma disposição de espírito:

*anseio apenas pelo que os sentidos não apuram
e ando sempre o lado oposto da vida.*

Depois vêm *Navio Espacial* (1981), *Estórias do Destino e a Pérfida Perfeição* (conto e poesia, 1982), *O Evangelho da Iluminação* (1983), *A Quintessência do Enigma* (1986) e *Purificações* (1987). Sobre este publiquei, e posteriormente estampeei, em meu *Sob o Signo da Poesia: Literatura em Brasília*, um comentáriozinho que intitulei “Perto da Plenitude”:

Eis um jovem poeta – dizia — cuja lírica prefere voltar-se para a natureza, a integração com o universo, a comunhão cósmica, em ânsia de ascensão espiritual, mas não se dedigna de confessar o cansaço da ferocidade humana, da injustiça, da opressão e da miséria, cujo fim profetiza. Prega um socialismo espiritual, em “Revolução”, que ecoa nos “Hinos pela Igualdade”; mas a verdadeira purificação que almeja é a que se faz pela contemplação até a irmanação e a integração com as coisas e os seres – pela vida serena, cujo sereno fluir é o caminho (“Satyagraha”) –, daí estarem entre seus melhores poemas os momentos ou instantâneos contemplativos, a exemplo de “Manhã”. Oscila – passando pelo equador do lirismo amoroso – entre polos que lapidarmente representam os dois micropoemas abaixo transcritos:

JORNAL

No fim do ano internacional da paz
num só dia (24 de dezembro)
morreram 41 mil e 500 combatentes no canal al Arab.

AUTODEFINIÇÃO

Eu sou aquele que ama o vento
e adora as estrelas.
Eu sou o que canta e se liberta do mundo.

Pratica o autor de Purificações um verso livre que, se é muito bom em “Noturno da Beira-Mar”, às vezes se aproxima perigosamente da prosa, e de um verso medido menos maduro, de menor rigor artesanal. É um poeta cheio de vitalidade, e de elevada estirpe filosófico-metafísica, restando-lhe apenas acabar de apurar seu instrumento para atingir a plenitude poética.

A produção vai-se incrementando, o poeta vai amadurecendo. Sucedem-se as edições. Nas páginas de *O Encantador de Estrelas*, de 1989, fez este leitor um punhado de destaques a lápis. Não por figurar na dedicatória geral do volume e na particular de um poema lindamente colorido de fantasia (“Colheita Noturna”), como soem ser, de resto, os da lavra de Catunda. Não cabe colar aqui esses destaques, uma vez que não estou fazendo uma antologia; mas, um verso – belo e definitivo como uma divisa – faço questão de repetir, solto, livre, como uma joia fora do engaste:

O dia cresce, mas o rumor de aurora ainda está em mim...

Em *Sortilégio Marítimo*, de 1991, o poeta carrega *como um fardo a miséria do mundo*, lamentando-se, pela cravelha da quadrinha popular:

*E quanto mais me angustio,
mais a minha alma se agita,
mais lento segue o navio
da minha longa desdita...*

O vate se pergunta:

*E o meu noturno segredo
que treva estranha o conduz?*

E parece que sabe de antemão a resposta:

*Agora deixo fluir em mim
a paz que se configura no espaço.
Agora sei que ser feliz é estar tranquilo.*

Chega a vez da fértil fase peruana (lembre-se que nosso bardo é diplomata de carreira, o que o tem levado a andanças por este mundo): *Los Pilares del Esplendor* (Lima, 1992), *Llave Maestra* (com três poetas peruanos) e os ensaios de *A Essência da Espiritualidade* (Lima, 1994). Depois de novo trabalho em parceria – *Terno de Poesia* (1995), com José Alcides Pinto e Mário Gomes – aparecem *Ave Natura* (poemas ecológicos em quatro línguas; Bellegarde, França, 1996) e dois CDs editados em Genebra, em 1997: um contendo poemas musicados; o outro, versos recitados em três idiomas. A biografia *Mário Gomes, Poeta, Santo e Bandido* é desse ano. *Rosas de Fogo* e *Água Lustral* são ambos de 1998, este com introdução de Ernesto Flores e, em versos, uma “Ricordanza do Poeta Márcio Catunda, na Suíça”, por Artur Eduardo Benevides.

À antologia poética *Estância Cearense* e aos poemas de *No Chão do Destino*, de 1999, sucede a também fecunda fase búlgara, iniciada nesse mesmo ano com uma *antologia mínima*, bilíngue, intitulada em português *À Sombra das Horas*, seleção, tradução e introdução de Rumen Stoyanov. Ainda desse ano e editado em Sófia é *London Gardens and Other Poems*; e são de Sófia, os CDs *Crescente* (poemas musicados, com capa de Momchil Stoyanov), *Verbo Imaginário* (poemas lidos pelo autor) e *Noites Claras* (poemas musicados), datados de 1999, 2000 e 2001, respectivamente. Mais um CD, *Mística Beleza*, saíria em 2003, em Brasília. O livro seguinte é *Rios, coletânea de poemas*, de 2003, em que Márcio comparece ao lado de Elaine Pauvalid, Ricardo Alfaya, Tanussi Cardoso e Thereza Christina Rocque da Motta.

Com este *Emoção Atlântica* Márcio alarga os limites de seu território lírico e chanta-lhe um novo padrão. Os pequenos reparos que me atrevi a fazer a uma parte da produção reunida em *Purificações*, se naquele enfoque tinham algum sentido, de lá para cá vão perdendo lugar. O poeta, quando quer, pode até

assumir, aqui e ali, o tom da prosa, sem deixar que a pena descaia. E os poemas metrificados, duas brevíssimas exceções no presente livro, de nenhum modo lhe prejudicam a integridade.

Emoção Atlântica é um cântico ao Rio de Janeiro. Rio de sensualidade e beleza, a que se agrega Niterói, como se fossem (e não o são, de certo modo?) uma cidade só, separadas-unidas pela Baía de Guanabara. Com seus encantos, mas também com seus bandidos e suas mazelas. Pois, apesar dos extremos de *esplendor e miséria, a cidade é ainda paradisíaca.*

Mas não se trata apenas de uma celebração do Rio de Janeiro; o poeta canta, ao mesmo tempo, a vida e uma filosofia de vida:

*Desfrutar o instante é um valor permanente.
É fluir absorto, sem perceber o peso da vida.*

Suas loas representam um convite à contemplação, aos pés do mar de Copacabana:

Perto da natureza, o homem fica menos feroz.

Um cântico à alegria de viver.

De caso pensado é que deixo para o fim deste rol os dois volumes de ensaios sob o título *Na Trilha dos Eleitos*, o primeiro editado no Rio de Janeiro, em 1999, e o segundo em Campinas, em 2001. Neste figuro, com muita honra para mim e por magnanimidade do autor, como “Mineiro Noturno, Devoto da Poesia”. Estou entre Artur Eduardo Benevides, Artur da Távola, Natalício Barroso e José Hélder de Sousa.

Márcio Catunda – o poeta, o narrador, o ensaísta, o homem de espírito – prossegue em sua intensa jornada, que mais frutos promete, muitos e sazoados. Não direi que alcançou já a sua plenitude, pois o ideal da vida é, em verdade, a perseguição dessa meta, e a vida ainda se escancara para ele. Mas direi que

deve andar próximo disso, seguindo ele mesmo, com força e tenacidade, na trilha dos eleitos.